

“BRASIL: 500 ANOS DE HISTÓRIA MESSIÂNICA E PROVIDENCIALISTA”

VALMIR FRANCISCO MURARO*

INTRODUÇÃO

Considerando as diferentes manifestações inspiradas pela data que assinala o V Centenário dos primeiros contatos entre os portugueses e os habitantes da América, pretende-se analisar alguns fenômenos que influenciaram, de maneira significativa, a nossa trajetória histórica nos últimos 500 anos. Quais as concepções de História predominantes na metrópole portuguesa em torno de 1500? Os mitos que envolveram o achamento do Brasil e a visão de mundo deles decorrentes teriam influenciado as atitudes sócio-culturais dos habitantes da colônia portuguesa na América nos anos que se seguiram? Os vestígios míticos da “descoberta” seriam ainda identificáveis no comportamento sócio-cultural dos brasileiros dos nossos dias?

Praticamente não há discordância en-

tre os historiadores quanto às influências míticas e messiânicas no processo de conquista do território que coube à Portugal na partilha da América. Identificase alguma diferença de opinião quanto ao grau das influências mencionadas. Em outra palavras, pode-se afirmar que a história lusitana foi profética e providencialista. Na criação do Reino de Portugal, nos anúncios do “descobrimento” do Brasil e na Restauração de 1640, identificam-se vestígios do providencialismo profético português.

As narrativas sobre a origem Reino de Portugal envolvem mistério e prodígio. Fenômeno é também conhecido como Milagre de Ourique. D. Afonso Henriques, na véspera da batalha contra os Mouros, em 1139, teria recebido a visita de um misterioso ermitão, informando-o que Cristo crucificado o incumbira de anunciar a vitória dos portugueses e a consequente missão de evangelizar o mundo. Anunciou ainda que Cristo ordenava ao futuro monarca que fundasse uma dinas-

* Professor do Departamento de História da Universidade Federal de Santa Catarina.

tia, através da qual pretendia estabelecer Seu Império sobre a Terra. Criaram-se assim os mitos da fundação prodigiosa do Reino português, da missão evangelizadora e da eleição divina dos lusitanos.¹ Como "novo povo eleito", coube também aos portugueses "voar sobre as águas" com suas caravelas para localizar as terras incógnitas.² Para que se confirmassem as profecias do passado.

Durante o século XVII, Deus teria confirmado sua preferência pelos lusitanos escolhendo o futuro D. João IV como fundador da dinastia de Bragança responsável pela independência política de 1640.³

A concepção medieval de História, segundo a qual os acontecimentos obedecem um plano preestabelecido pela providência divina, possuem uma finalidade e não dependem exclusivamente da vontade dos indivíduos, influenciou decisivamente os pensadores portugueses entre os séculos XV e XVIII. Não era desprezível o número de pensadores que percebiam nas Escrituras a prefiguração, desde a criação do universo, das realizações prodigiosas dos portugueses. Identificavam um período da história da humanidade, interposto entre a era do Anticristo e o fim dos tempos, no qual a humanidade usufruiria das delícias do Quinto Império⁴ e da beatitude, "tempo futuro abençoado" e "era do Espírito Santo". A localização da América e a posse de parte do seu território pelos lusitanos acon-

teceu sob o clima messiânico profético do tempo.

Mesmo as narrativas da "colonização" do Brasil foram construídas ao ritmo do mito, isto é, como solução imaginária para tensões, conflitos e contradições que não encontram soluções reais. Neste contexto foram legitimadas as atitudes dos "colonizadores" em relação aos gentios, negros e mestiços.

Considerando as circunstâncias históricas da construção do mito fundador do Brasil,⁵ pautado na matriz teológico-política do tempo podemos entender hoje a imagem que possuímos do país e a relação que temos com a nossa história política, que continua providencialista, messiânica e socialmente imobilista.

1. O BRASIL COMO PARAÍSO TERREAL

Em 1500, antes da divulgação das notícias do achamento de Cabral, do território que viria a ser o Brasil, Cristóvão Colombo informava aos reis espanhóis que durante uma das suas viagens à América, localizara o Paraíso Terrestre, seguindo as orientações oferecidas pelo profeta Isaías e interpretadas por Joaquim de Fiori. Em 1501, o mesmo navegador, escrevia aos reis de Espanha informando que os sucessos alcançados com a localização do "Novo Mundo" não foram re-

sultado da razão, da matemática nem dos instrumentos náuticos utilizados, mas cumpriram-se plenamente as palavras do profeta Isaías.⁶ Dois séculos mais tarde Antônio Vieira afirmaria que o mesmo profeta referia-se ao Brasil ao quando declarava que a "*terra em que ressoa o ruído de asas, além dos rios da Etiópia, tu enviaste mensageiros por mar*".⁷ Insistia ainda o pensador jesuíta que "o texto de Isaías se entende do Brasil, porque o Brasil é a terra que diretamente está além e da outra banda da Etiópia, como diz o profeta".⁸

Sérgio Buarque de Holanda no seu livro *Visão do Paraíso: os motivos edênicos no desenvolvimento e colonização do Brasil*, afirmou que Colombo, ao avisitar as terras da América, julgou-se em outro mundo, como se estivesse diante do verdadeiro Paraíso Terrestre. Colombo localizara o "Novo Mundo", não só por ser desconhecido dos europeus, mas porque parecia renovar-se e regenerar-se "vestido de verde imutável, banhado numa perene primavera, alheio à variedade e aos rigores das estações, como se estivesse verdadeiramente restituído à glória dos dias da Criação".⁹

De acordo com as palavras de Marielena Chaui "menos que um conceito geográfico, ainda que para os conquistadores fosse um conceito geopolítico, militar e econômico, a América foi para viajantes, evangelizadores e filósofos uma constru-

ção imaginária e simbólica".¹⁰ Acrescentou ainda que a novidade solicitava explicações para compreendê-la. Colombo, Vespúcio, Caminha e las Casas dispunham de um único instrumento para aproximar-se do "Novo Mundo": os livros. Cartas e relatos redigidos em períodos anteriores à localização da América, reúnem, quase que exclusivamente, comentários e hermenêuticas sobre os escritos referidos, sem dedicar-se as descrições e interpretações do território e seus habitantes. Estas constatações permitem afirmar que o "Novo Mundo", ainda não era identificado como espaço geográfico, mas já existia como texto e, acima de tudo, povoava o imaginário europeu.

Pero Vaz de Caminha descreveu inúmeras características edênicas da terra avistada e chamou a atenção da docilidade hospitaleira dos seus habitantes, que tudo possuíam, mesmo considerando que "eles não lavram, nem criam". As correspondências e crônicas dos navegadores e evangelizadores projetam imagens paradisíacas incontáveis das terras avistadas. Fauna e flora extasiante, águas infundas, pessoas inocentes que não têm vergonha de mostrar "suas vergonhas". O Brasil foi descrito invariavelmente como um jardim edênico, agradável, luxuriante e belo. Os animais silvestres eram mansos e dóceis e o clima descrito revela uma espécie de primavera perene. Os habitantes do Brasil,

sem fé, sem lei e sem rei, pareciam aptos a receberem a evangelização civilizadora. Aos olhos dos ibéricos que não estiveram na América foi oferecido um espetáculo descritivo que remetia à possibilidade de retorno ao Éden.

Sem dúvida, as imagens naturais e paradisíacas descritas na época dos "descobrimentos" perpetuaram-se nos símbolos que identificam o Brasil. A bandeira nacional apresenta quatro cores que simbolizam preferencialmente a natureza. Ao contrário das bandeiras de outros países, nas quais predominam três cores, representando acontecimentos históricos e políticos. Na Bandeira nacional o Brasil continua sendo o grande jardim edênico, o paraíso terrestre.

Características semelhantes àquelas da bandeira encontram-se no hino nacional, que exalta mares mais verdes, céus mais azuis, bosques mais floridos, vidas com mais amores e todos os brasileiros reclinados sobre um enorme e eterno berço esplêndido.

José de Alencar e Olavo Bilac, entre outros, iriam continuar o discurso edificador de uma nação aparentemente edênica, merecedora de ser amada com fé e orgulho, na qual, teoricamente, há espaço para todos. Inclusive para os antigos habitantes destas paragens chamado índios, mesmo considerando que em torno de 1500 existiam mais de seis milhões e, atual-

mente, reduzidos a, aproximadamente, trezentos mil!¹¹

A construção mítica do mundo edênico representado pelo Brasil tenta convencer que a beleza natural nos identifica e caracteriza. Somos dóceis, sensuais, hospitaleiros, alegres e contrários a qualquer tipo de violência. A edificação mítica nos retém no universo da natureza "deixando-nos fora da História".¹² O meio ideal está pronto. Todos estão contemplados, exceto os excluídos, pois na interpretação dos defensores da história profética, aqueles optaram pelo cainho do mal. Infelizmente, os ausentes do banquete paradisíaco descrito pelos símbolos que deveriam nos identificar, não representam numericamente a minoria que, segundo as profecias vieirianas, optariam pelos caminhos do Anticristo.

Se numa das faces do espelho, simbolizado pelos relatos sobre os primeiros contatos dos portugueses com o continente americano, refletiam-se imagens do Brasil paradisíaco, do habitante altruísta, ingênuo, dócil e generoso, na outra face do que se denominou colonização, projetavam-se cenas de horror, destruição e intolerância, justificadas por uma missão civilizadora e salvífica.

Ingênuo seria esperar dos europeus na América, representados pelos ibéricos, atitudes adequadas a indivíduos merecedores de usufruir das delícias do paraíso.

Maior ingenuidade seria perpetuar conceitos como o de "descobrimento", "Novo Mundo" e "colonização", com seu teor preconceituoso e legitimador das atitudes violentas e bárbaras, da intolerância em relação às etnias e valores dos habitantes da América. Colombo e Cabral não descobriram um "novo mundo". Depararam-se com um velho mundo, com população incontável e com uma história de mais de 40000 anos.

Na sua origem o termo *colonizar* não carrega nenhum significado de conquista, destruição e discriminação. Harmoniza-se coma ideia de *culto, cultura, carícia*. Não foram essas as atitudes predominantes que caracterizaram as ações dos portugueses no Brasil!¹³

Termos como *descobrimento, colonização e novo mundo*, foram amoldadas *a posteriori* e disfarçavam as intenções ideológicas e comerciais das nações europeias no seu trato com as colônias. Com eles tentaram legitimar e impor seus sistemas econômicos, seus dogmas religiosos e seu estilo de vida. Para o Brasil os lusitanos enviariam banidos, impuros e hereges. A missão civilizadora e salvífica respondia aos interesses da metrópole e implicava na distinção e destruição do *outro*, diferente e considerado culturalmente inferior.

Definindo-se descobridores, os povos ibéricos desprezaram, com frequência,

a identidade, a cultura dos povos contactados, como forma de legitimar a conquista e impor seus valores. Ignoraram o direito das diferentes etnias de dispor de suas riquezas e justificaram a implantação do sistema colonial. As nações "colonizadas" foram responsáveis pela construção da desigualdade racial, ou seja, da ideia de supremacia dos europeus, considerados civilizados, cultos, justos e católicos, e da inferioridade dos americanos, representados pelos, negros, mestiços e gentios.

Finalmente, buscaram no prestígio de Aristóteles, da desigualdade natural dos indivíduos, os argumentos que legitimaram atitudes como a escravidão e a destruição dos habitantes dos paraíso localizado.

Sem dúvida, os contatos entre europeus e americanos durante a conquista foram marcados pelos desencontros e, excepcionalmente, por alguns encontros. Mais que desnudar preconceitos, hoje nos parece atitude coerente a tentativa da retomada de nossa trajetória histórica a partir da perspectiva das diferentes etnias americanas, dos seus valores e diferenças. Acima de tudo, ainda não conquistamos o direito de autodeterminação.

Difícilmente seria possível discordar dos pensadores contemporâneos, como Anita Novinsky, que defendem que não foi a grandiosidade da conquista que nos faz orgulhosos do nosso passado, mas a his-

tória transgressora e clandestina dos hebreus, gentios, negros, imigrantes, mestiços, que resistiram e ainda resistem à dominação e a intolerância, buscando a harmonia nas diferenças que nos identificam.

Concordar com a grandiosidade da conquista, e celebrá-la, significa a admissão da continuidade da intolerância que representa "a morte do pensamento pronunciada em nome de uma ideia",¹⁴ mesmo que religiosa ou civilizadora.

2. HISTÓRIA PROVIDENCIALISTA, PROFÉTICA E MESSIÂNICA

O segundo mito fundador envolve a história providencialista, profética e messiânica e nos lança novamente na história, mas como realização do plano de Deus ou da sua vontade revelada e realizada no tempo. Trata-se de uma história já consumada com a vinda de Cristo.

O Brasil, imortalizado pela música popular, é terra "abençoada por Deus e bonita por natureza, em fevereiro, tem carnaval "...". Paraíso reencontrado que não exige a ação das Causas Segundas,¹⁵ necessárias para a realização no tempo. O gigante continua deitado eternamente em berço esplêndido, pois assim estaria determinado pela providência divina. No tempo propício surgirá um líder messiânico e carismático capaz de solucionar to-

dos os problemas.

As profecias de Daniel¹⁶ também desempenharão papel significativo na formulação do conceitos históricos messiânicos dos portugueses ao revelarem o advento da Quinta Monarquia, ou Quinto Império do Mundo, período no qual todos os povos convertidos ao catolicismo usufruiriam das delícias do Paraíso Terrestre. Isafas e Daniel anunciavam novos tempos para os lusitanos e a humanidade. Vieira conheceria as malhas da Inquisição e seus cárceres por anunciar a instalação de um reino celeste ainda no século XVII, à maneira dos judeus, que aguardavam a manifestação do messias. Não se tratou de um sonho delirante de alguns fanáticos. O fenômeno da iminência do Quinto Império envolveu quase toda a população luso-rasileira do século XVII.¹⁷

Torna-se difícil de discordar de Marilena Chaui quando considera que o Brasil, com seus novos céus e novas terras, cumpria a profecia do alargamento da ciência e o anúncio do milênio como Era do Espírito Santo. Seria também o último Império. As profecias de Daniel e Isafas cumpriam-se com a descoberta e conquista do Brasil, prova da consumação da revelação e do tempo.¹⁸ Seríamos parte essencial do plano divino e teríamos o futuro assegurado desde sempre até a eternidade? Esta seria a razão de tanta insis-

tência em afirmar que somos o país do futuro?

Sem dúvida, temos no Brasil uma tradição história que pode ser considerada um terceiro elemento da elaboração mítica, representado pela história profética, messiânica e milenarista. Aos olhos dos defensores dessa espécie de história, são dois os traços que a identificam: a divisão do tempo em eras: Do Pai, do Filho e do Espírito Santo. O confronto final entre Cristo e Anticristo, resultando na vitória do primeiro e a instalação de um reino de felicidade que durará mil anos, ou seja, um longo período que se estendera até o fim dos tempos. Vieira, Antônio Conselheiro, José Maria, entre outros, foram divulgadores da história messiânica-profética.

Tradicionalmente, o providencialismo histórico foi difundido como verdadeiro pelas camadas dirigentes e grupos detentores do poder econômico e político, por considerarem que as instituições existem para realizarem o plano divino.

A história profética atrai os cristãos abandonados pela hierarquia eclesiástica e os grupos populares. Suas atitudes sócio-culturais sublinham os caracteres milenaristas de interpretação da vida. As dificuldades e misérias humanas seriam momentâneas, com função pedagógica e sinais dos tempos, anunciadores da necessidade da preparação para os tempos do Anticristo. A vitória de Cristo traria

a fartura para todos os fiéis. Canudos e contestados poder ser considerados exemplos que caracterizam a visão profética da história.

Através dos movimentos messiânicos-proféticos os grupos menos favorecidos participam, a sua maneira, da vida política, na qual se trava uma luta entre o bem e o mal, entre os filhos da luz e os filhos das trevas. Não pretendem assumir o poder, mas a instalação da justiça e da comunidade fraterna. Depositam toda a sua esperança no líder carismático, uma espécie de condutor combatente que os dirige na luta pelas trilhas do salvador, distinguindo as verdadeiras e as falsas profecias. Deposita-se toda a confiança no bom governante. Seria esta a razão do sucesso de personagens políticas recentes como Jânio Quadros, Color de Mello e Fernando Henrique Cardoso? Poderíamos considerá-los líderes e carismáticos semelhantes ao Pe. Vieira, José Maria e Antônio Conselheiro? Seriam falsos profetas?

Na verdade há muitos brasileiros que ainda aguardam manifestações de prodígios suficientes para resolver as dificuldades sociais e econômicas do país de instalar o paraíso terrestre.

3. TEOCRACIA DO GOVERNANTE

Segundo os divulgadores da teocracia do governante, pelo pecado muitos indi-

viduos teriam perdido o direito ao poder, que em última instância emana de Deus. Mas por graça divina especial, alguns conservaram a inocência e o direito de exercê-lo. O poder humano torna-se assim um favor e atributo divino e, ao mesmo tempo, os eleitos simbolizam a divindade e defensor da ordem e justiça. Assim, o governante não representa os governados, mas Deus, fonte transcendente, na qual governar torna-se sinônimo de distribuir favores. Por outro lado, se o governante representa Deus, ele tem uma natureza semelhante a de Cristo.

A teoria do corpo político místico legitima o direito de transformar os interesses e os bens públicos em domínio privado do governante, que pode dispor dos mesmos, juntamente com os seus pares, de acordo com a sua vontade. Seria este o fenômeno legitimador das privatizações realizadas pelos governantes brasileiros da atualidade?

Tanto no caso dos escolhidos teocraticamente para exercer o poder, quanto nos escolhidos para representar a Deus como governantes, o Estado, ou o poder político, seriam anteriores à sociedade, cuja origem estaria na transcendência. Inicialmente, pelos desígnios divinos, depois pelos decretos como governantes. São estas as convicções que permitem aos defensores da mística do poder a divulgação de que a história do Brasil foi indolor e

pacífica. Os registros oficiais reproduzem uma história na qual os acontecimentos políticos não tiveram a participação da sociedade, mas apenas do Estado e seus decretos. Tais registros nos fazem refletir sobre o significado de acontecimentos como a Independência, o Abolicionismo, a Proclamação da República e o Plano Funchal.

Sem dúvida, as consequências mais funestas e visíveis da teocracia governamental se fizeram presentes nos momentos considerados críticos na história do Brasil e atribuídos a atuação popular. Diante das insatisfações geradas pelas ações políticas teocratizadas cria-se um vocabulário próprio para identificar os opositores: inconfidentes, fanáticos, retrógrados, terroristas, baderneiros. Citamos a título de ilustração: "os fanáticos de canudos", "aberrações dos caboclos do Contestado", "os farrapos". Na história mais recente surgiram, entre outros, "os baderneiros do MST" e os negros, índios e desocupados que criaram "riscos institucionais em Cabralia", ao contestarem os atos festivos das "autoridades legitimamente constituídas" e com direito exclusivo de comemorar os 500 anos do Brasil!

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao projetarmos os reflexos de nossa história dos últimos 500 anos, profunda-

mente marcada por mitos fundadores, verificamos a existência de posições socialmente diferenciadas.

Os grupos que detém o poder econômico e político, atuam com a postura do direito natural à posição ocupada. Legitimam o mesmo através do "ufanismo nacionalista e desenvolvimentista, expressões retiradas do Paraíso Terrestre e da teologia da história providencialista, assegurando a imagem do Brasil como comunidade una e indivisa, ordeira e pacífica, rumando para seu futuro certo, pois escolhido por Deus".¹⁹

Do ponto de vista dos grupos excluídos, o mito fundador se realiza através de uma visão profética-messiânica, na qual o governante é considerado salvador divinizado. As manifestações de oposição política são considerados atos desacralizadores e representa manifestação demoníaca da política.

Atualmente, os brasileiros convivem com uma dicotomia aparentemente insólvel gestada pelo mito fundador: de um lado o país edênico, pacífico e acolhedor representado pela história providencialista; conduzindo inexoravelmente para o seu futuro grandioso. Do outro lado, a história profética e messiânica que projeta um país mergulhado na violência, na injustiça e no inferno das desigualdades, debatendo-se para alcançar o futuro promissor, e instalar o Paraíso Terrestre.

Os mitos fundadores, porém, na medida que são conhecidos, podem servir também como elementos impulsionadores de mudanças sociais. Certamente, o que diferenciara as atitudes comemorativas daquelas de análise e reflexão, diante dos acontecimentos dos últimos 500 anos da história do Brasil, será o desejo de evitar no futuro os equívocos do passado.

Enquanto isso, parodiando Chico Buarque de Holanda, "aqui na terra só se joga futebol, tem muito samba, muito show e [...], mas o que eu quero é lhe dizer que a coisa aqui tá preta"!

NOTAS

- (1) Sobre o Milagre de Ourique ler VIEIRA, Antônio. *Livro Antepimeiro da História do Futuro*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1983, p. 33-47.
- (2) As referências às terras incógnitas envolviam a ideia de sede econômica e política dos grandes impérios (China e Índia) descritos por Marco Polo e Mandeville, bem como aquela de um Paraíso Terrestre, preservado das destruições promovidas pelo dilúvio, descritas pelo Livro do Gênesis, como terra austral e oriental, cortada por quatro grandes rios e rica em pedras e metais preciosos, com clima de primavera perene. Cabral e os marinheiros de sua frota avistaram paisagens semelhantes às aquelas descritas pelo texto sagrado.
- (3) Maiores informações sobre a eleição profética dos portugueses poderão ser encontradas nos seguintes livros: AZEVEDO, João Lúcio

- de. *A evolução do Sebastianismo*. Lisboa: Presença, 1984. CANTEL, Raymond. *Prophétisme et Messianisme dans l'oeuvre D'Antônio Vieira*. Paris: Hispano-Americanas, 1960.
- (4) O Quinto Império duraria um longo período de tempo no qual todos os habitantes da Terra seriam cristãos, premiados com a paz, a fraternidade, a longevidade e a fartura de alimentos. Em outras palavras, todos os seres humanos usufruiriam das delícias de Paraíso Terrestre.
- (5) Informações complementares sobre o mito fundador do Brasil poderão ser encontradas no artigo publicado por CHAUI, Marilena. "*Brasil o mito fundador*". *Folha de São Paulo*, São Paulo, 26 de março de 2000. Caderno Mais! nº 424, p. 05 a 11.
- (6) No Livro de Vieira, op. cit., p. 143-153, o autor registrou um número significativo de textos de Isaías, que considerou profecias referentes ao Reino de Portugal (capítulos 18,38, 49, 60, entre outros).
- (7) (Is. 18, 1-2).
- (8) VIEIRA, António. Op. cit., p. 148.
- (9) HOLANDA, Sérgio de Holanda. *Visão do Paraíso*. 4 ed. São Paulo: Nacional, 1985, p. 202-204.
- (10) CHAUI, Marilena. Op. cit. p. 08.
- (11) Dados registados pelo Jornal Folha de São Paulo, São Paulo, 18 de abril de 1999, especial, p. 4.
- (12) CHAUI, Marilena. Op. cit., p. 08.
- (13) Sobre o significado do termo colonização e as atitudes dos colonizadores ibéricos ler o primeiro capítulo do escrito de BOSI, Alfredo. *Dialética da Colonização*. São Paulo: Companhia da Letras, 1992, p. 11-63.
- (14) Expressão utilizada pela Historiadora A. Novinsky no livro coordenado por ARAGÃO, Maria L. P, MEIHY, José C. S. B. *América: Ficção e utopias*. São Paulo: EDUSP, 1994, p. 15-16.
- (15) Referência à necessidade da participação ativa do ser humano na realização do plano divino.
- (16) O profeta Daniel, especialmente nos capítulos 1, 2, 7 e 8, serviu a alguns pensadores europeus para fundamentar as interpretações sobre os impérios sucessivos que a humanidade conheceria. Serviram ao Pe. Vieira como fundamento das estruturas do Quinto Império do Mundo, ou Império de Cristo sobre a Terra, edificado pelos portugueses, no qual a humanidade conheceria a realização plena dos anseios e uma felicidade paradisíaca.
- (17) Sobre o tema ler o artigo de MURARO, Valmir Francisco. "Vieira: judaísmo e Inquisição" *Nova Renascença*, Porto: Imprensa Portuguesa, primavera/outono de 1998, p. 185-210.
- (18) CHAUI, Marilena, Op. cit., p. 9.
- (19) CHAUI, Marilena. Op. cit., p. 11.